

Trajetórias juvenis e ativismo político: projetos de, com e para a vida

Trayectorias juveniles y activismo político: proyectos de, con y para la vida

Erica Pereira dos Santos Nascimento

Vera Maria Ferrão Candau

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-Brasil

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo compreender e visibilizar caminhos, resistências, desnaturalizações e proposições que sensibilizam hoje juventudes periféricas para seus engajamentos e participação social. Fundamentada no campo da educação, a pesquisa aproximou os estudos sobre Juventudes, Decolonialidade e Epistemologias do Sul. Neste sentido, assume o lugar do vivido e experimentado pelos participantes para mapear a tessitura da emancipação social emergente em processos cotidianos. Metodologicamente foram alinhadas observações e entrevistas na perspectiva de visibilizar saberes-fazeres das trajetórias dos participantes da investigação. O estudo evidencia a construção de sentidos para a participação social em memórias afetivas e reinterpretações propositivas, com e a partir de experiências de vida nos territórios socialmente subalternizados.

Palavras-chave: Juventudes; Participação social; Brechas Decoloniais.

Resumen

El principal objetivo de este trabajo es comprender y visibilizar caminos, resistencias, desnaturalizaciones y proposiciones que sensibilicen a los jóvenes periféricos de hoy en sus compromisos y participación social. Con base en el campo de la educación, la investigación reunió estudios sobre Juventud, Descolonialidad y Epistemologías del Sur. En este sentido, toma el lugar de lo vivido por los participantes para mapear el tejido de la emancipación social emergente en los procesos cotidianos. Metodológicamente, observaciones y entrevistas se alinearon con el fin de visibilizar el conocimiento de las trayectorias de los participantes de la investigación. El estudio ha revelado la construcción de significados para la participación social en memorias afectivas y reinterpretaciones intencionadas, con y desde experiencias de vida en territorios socialmente subordinados.

Palavras-chave: Jóvenes; Participación social; Grietas decoloniales.

Juventudes e responsabilização social

Este trabalho aborda trajetórias e processos formativos de jovens lideranças. O objetivo é conhecer, compreender e visibilizar caminhos, resistências e proposições que sensibilizaram jovens de periferia ao engajamento e participação político-social. Partimos da afirmação de que negociação sociopolítica e juventude estão historicamente conectadas. Observando as últimas décadas, nos anos de 1960, por exemplo, aos moldes de uma “juventude rebelde”, descrita por forte relação dos jovens e a política nas organizações estudantis, os chamados militantes estudantis atuavam sob “prisma de múltiplas dimensões e projetos emergentes dos jovens da classe média universitária radicalmente de oposição política” (MISCHE, 1997, p 140).

Entre os anos 1980 e 1990, especialmente após o movimento das “caras pintadas”, os jovens demonstram formas de organização alternativas para seus engajamentos. Em espaços e moldes menos centralizados que na militância universitária, escolas públicas e privadas, boates, bairros e ruas, *shopping centers* e locais de trabalho se tornam potenciais locais para engajamento e discursos mais abrangentes sobre cidadania e responsabilização social. À medida em que o círculo de socialização dos jovens se estrutura em formas mais complexas os interesses juvenis são reorganizados “tanto em interesses planetários, quanto em interesses na vida cotidiana” (MÜXEL, 1997, p. 163).

Com o advento das novas formas de comunicação e mídias sociais, novos desafios são incorporados ao debate. Trabalhos como os de Guimarães (1997) e Almeida e Tracy (2003) evidenciam diferentes modos de ser jovem e distintas estratégias de intervenção no social. Entre a ideia criada sobre participar e não participar é preciso admitir que os jovens têm formas próprias de identificação e organização social. Não se tratando, portanto, da dicotomia entre apatia e rebeldia. É necessário perceber as mobilizações como legado e alargamento das ações coletivas em processos históricos. Os jovens reagem, à sua maneira, com seus grupos e redes. Como uma espiral de participação social em constante redefinição de sentidos e práticas, que “embora se estruturam tendo referências e princípios comuns, esses grupos se diferenciam em relação a vários aspectos” (GUIMARÃES, 1997, p. 200).

Em um país de vasto território e culturalmente diverso como o Brasil, a experiência juvenil brasileira cada vez mais se coloca de forma ampla. Ser jovem está contido entre sair da infância e descobrir o mundo adulto, ao mesmo tempo que contém outras experiências e

processos. São escolhas, incertezas, aspirações e frustrações localizadas individualmente, mesmo que coletivas. Enfatizando a realidade de identidades juvenis múltiplas, construídas no contexto das condições objetivas e subjetivas do sujeito, “que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade” (DAYRELL, 2003, p. 43).

Agentes do meio social, contestam a ordem dominante e apresentam-se comprometidos a equacionar igualdade e diferença de forma coletiva e política (LEITE e ARAÚJO, 2018). Nas redes e nas ruas repercutem em ativismos, apesar de tendências de desconfiança das políticas tradicionalmente vigentes. Criativos, manifestam-se confiantes de que individual ou coletivamente, presencial ou virtualmente, é possível interromper fluxos que subalternizam o cotidiano para alterar o ritmo da vida em horizontes que “trazem aspectos das relações entre juventude e cidade que vão além da presença física do ativismo político (LEITE, 2017, p. 179).

Projetos e posicionamentos comprometidos com a liberdade individual e coletiva são traduzidos como afirmação democrática. Caminhos pedagógicos que crescem nas “*fissuras y grietas*” que tensionam a precariedade e a indiferença com que são tratadas as juventudes dos territórios socialmente marginalizados. Conforme Walsh (2013), *grietas*, que traduzimos por brechas e espaços, são lugar de possibilidade para práticas de enfrentamento a matriz colonial de poder. Jovens que colocam seus sentidos em atenção ao crescente contexto de negação de direitos fundamentais que pareciam já plenamente assegurados na mentalidade e nas políticas internacionais. Sujeitos e ações sociais que protagonizam o (re) surgimento de eventos como pontos referenciais de um novo ciclo de “ação desses jovens na sociedade e nas políticas públicas” (AUTORA, 2008).

No que diz respeito às manifestações ocorridas nas últimas décadas e que tomaram as ruas do país, pode-se dizer que novas formas de mobilização entram em cena. Uma realidade que salienta a participação social e política da juventude como instigante objeto de pesquisa, ressaltando mais uma vez a complexidade e profundidade de análises das juventudes na sociedade.

Jovens de todos os estratos sociais se envolveram em distintas formas de participação social, desde as mais tradicionais relacionadas a partidos e organizações estudantis, até novas formas de mobilização social relacionadas com ações voluntárias de solidariedade [...]. Jovens das periferias das cidades se articulam em torno de identidades móveis, ambíguas e flexíveis que emergiram e se desenvolveram em espaços periféricos da sociedade, numa resposta possível a crise

Trajetórias juvenis e ativismo político: projetos de, com e para a vida

estrutural do capitalismo que elevou enormemente o grau de incerteza no processo de trânsito da juventude para a vida adulta (CARRANO, 2008, p.190).

Se por um lado a vida parece ser desenhada com “canetadas” que aprofundam desigualdades sociais, por lados “Outros”ⁱ há jovens engajados/as que questionam exclusões e enfrentam descasos que acompanham o binômio modernidade/colonialidade. Práticas de contestação política que tendem a inovar em seus formatos organizacionais de ativismos e representações (LEITE; FERREIRA; MACHADO, 2019).

Em São Gonçalo, Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro jovens desenvolvem o projeto “Ressuscita São Gonçalo”, cuja proposta central é pensar/fazer políticas públicas de forma horizontal, considerando os anseios da população. Mobilizados pelo lema “Vamos juntos reconstruir nossa cidade”, dialogam com os cidadãos gonçalenses e debatem soluções para uma agenda pública local que repercuta de forma positiva junto às lideranças políticas representativas da cidade. Tendo presente esta realidade, verifica-se por parte das juventudes novas formas de comunicar inquietações sobre a realidade de seus territórios, sobretudo quando reúnem insatisfações frente ao social que se impõe nas periferias. São diferentes formas de participação em contextos de luta e resistência. Um “mar de gente” em ocupação nas ruas e um “tsunami” das novas mídias sejam antes, durante e depois dos atos. Práticas, valores e “emoções dos indivíduos e dos coletivos que ganham destaque nos protestos políticos e podem assumir papel ativo da construção do social” (GONH, 2018).

A partir desta reflexão, podemos perguntar: em suas trajetórias, que circunstâncias pedagógicas são mobilizadas e/ou mobilizam seus ativismos? Quais experiências levam os jovens a questionar a forma atual de se fazer política e envolverem sua juventude na intenção de construir novas perspectivas da história de seus territórios e cidades?

Desenho metodológico da pesquisa

Desta forma, integra a pesquisa de campo deste trabalho, 11 jovens de origem periférica, que atuam com e para seu território e comunidade de origem a partir do projeto social “Ressuscita São Gonçalo”. Com o propósito de identificar e compreender processos formativos e as motivações para o engajamento político-social dos jovens do “Ressuscita São Gonçalo”, a investigação aliou: a) observação em 3 atividades lideradas pelos jovens do “Ressuscita São Gonçalo”; b) aplicação de um questionário que forneceu elementos para a etapa das entrevistas e c) entrevistas sob a forma compreensiva.

O trabalho de campo foi realizado entre os meses de fevereiro a agosto de 2020 e precisou desenvolver-se via estratégias em ambiente virtual em decorrência da emergência sanitária provocada pelo novo coronavírusⁱⁱ. Duas das atividades observadas ocorreram presencialmente, nos meses de fevereiro e outubro de 2020, em evento conhecido como “Desafio do Lixo”. O referido evento é um encontro organizado para limpeza de parte da área do mangue da cidade que fica às margens da Baía de Guanabara e tem em sua orla grande quantidade de detritos trazidos pelas marés e/ou córregos de esgoto sem tratamento. O evento tem inspiração na etiqueta virtual “#trashtagchallenge” e tem recebido destaque nos jornais locais por publicações fotográficas nas redes sociais virtuais com “antes e depois” do desafio realizado pelos jovens. A terceira atividade observada foi o “Laboratório de Análises do Covid-19 em São Gonçalo”, em reuniões via plataforma *Google Meeting*, no período de abril a agosto de 2020. O laboratório de análises, como foi denominado pelos jovens, reuniu munícipes voluntários interessados em discutir possibilidades e ações em favor da cidade diante das crises derivadas pela pandemia do novo coronavírus.

O questionário foi organizado para obter informações sobre escolaridade, idade, autodeclaração racial, bairro de residência, experiências de voluntariado em projetos sociais e/ou coletivos, experiências de trabalho remunerado e a participação no Projeto “Ressuscita São Gonçalo”. Ao todo 20 (vinte) jovens responderam ao questionário. Àqueles que declararam “participo dos encontros de planejamento e tomada de decisões” foram convidados/as para a etapa seguinte da investigação, as entrevistas.

Dentre os respondentes do questionário, prosseguiram à etapa de entrevistas 11 lideranças do projeto “Ressuscita São Gonçalo”:

- Daniele, mulher, negra, 24 anos;
- Rodrigo, homem, negro, 30 anos;
- Valda, mulher, branca, 45 anos;
- Gisele, mulher, parda, 26 anos;
- Graciele, mulher, parda, 23 anos;
- Luana, mulher, branca, 24 anos;
- Angelo, homem, branco, 25 anos;
- Rafael, homem, pardo, 23 anos;

Trajetórias juvenis e ativismo político: projetos de, com e para a vida

- Helaine, mulher, branca, 24 anos;
- Paola, mulher, preta, 22 anos.

Conforme caracterização acima, verifica-se um ponto importante a justificar sobre 2 (dois) respondentes, respetivamente declarados com 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) anos de idade. Faixa etária posterior a instituída pelo Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852/2013, que dispõe acerca dos direitos dos jovens, princípios e diretrizes das políticas de juventude; cujo dispositivo institui no seu artigo 1º, parágrafo primeiro, inciso 1 que são considerados para efeitos da mesma as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013). Ainda assim, considere-se que os ouvir seria interessante para o trabalho uma vez que se declararam participantes dos encontros de planejamento e tomada de decisões e esta investigação pretendeu focalizar trajetórias formativas das lideranças localizadas no Projeto Ressuscita São Gonçalo. A imersão na etapa de campo mostrou ser relevante estabelecer contato com a ONG Casa Fluminense. Dessa forma, adiciona-se à etapa de entrevistas a assessora de mobilização da Casa Fluminense, Valéria, mulher, branca, 31 anos.

Para apoiar o momento da entrevista sob a forma compreensiva as questões foram organizadas em blocos temáticos como infância, família, escolaridade, experiências de trabalho e participação em projetos sociais. Por esta organização foi possível assimilar o que é periférico e contribui para a investigação, entre o que parecia superficial. De maneira a identificar tal como mencionado por Kaufmann (2013, p. 81) sobre a atenção a melhor pergunta que não está posta, mas deve ser encontrada a partir do que acaba de ser dito pelo informante. Os áudios das entrevistas foram transcritos e incluídos no software Atlas.Tiⁱⁱⁱ para análise do material.

Em cada uma das etapas realizadas, além da gradual relação da pesquisadora com o contexto a ser pesquisado, as atividades favoreceram um tipo de “conversa” reflexiva com o objeto de estudo. Tanto as observações quanto os relatos possibilitaram um exercício analítico de relacionar o contexto macro das práticas de engajamento e associativismo das juventudes periféricas com práticas sociais comunitárias. Categorias oriundas de dimensões do vivido nas trajetórias aqui implicadas, denominadas microuniversos insurgentes que decorrem de experiências de representação, ocupação e resistência locais. Tendo presente esta realidade, apresentamos a seguir a multiplicidade de sujeitos e práticas que existem, mas são pouco visibilizados.

Fala e escuta, saberes e fazeres

Para as reflexões em questão apostou-se em trajetórias e caminhos pedagógicos acionados pelo vívido não mais subordinados a ideia de conhecimento único, mas constitutivo de experiências diversas e plurais. Assim, buscou-se colocar força nas histórias locais das juventudes entrevistadas e visibilizar suas questões de existência e sonhos. Neste trabalho, educação e pedagogias são considerados face a processos e estratégias de vida e luta, na luta por sobrevivência. Saberes/fazeres de construção e caminhos outros. Narrativas que atravessam e são atravessadas por conhecimentos que “se entrelaçam com a militância intelectual e o ativismo, formando um todo inseparável” (WALSH, 2016, p. 66).

No caso desta pesquisa, narrativas das juventudes de origem e atuação ativista em periferias urbanas, assumindo o lugar do vivido e experimentado pelos sujeitos jovens. Processos formativos proporcionados em experiências no “mundo heterogêneo e fragmentado, distante do universo da fábrica, mas também marcado pelas formas em que as desigualdades se processam na sociedade” (SPOSITO, 2014). Argumentações interessadas em “outras formas de pensar e se posicionar a partir da diferença colonial, na perspectiva de um mundo mais justo” (OLIVEIRA; AUTORA, 2010, p. 27).

Aspectos sobre as quais Santos (2007) debruça suas reflexões e provocações em vias de promoção da justiça cognitiva, por uma ecologia de saberes.

Na ecologia de saberes, enquanto epistemologia pós-abissal, a busca da credibilidade para os conhecimentos não científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica, simplesmente, a sua utilização contra hegemônica. Trata-se, por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas alternativas que se têm tornado visíveis através das epistemologias feministas e pós-coloniais e, por outro lado, de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não científicos (SANTOS, 2007, p. 87).

Nesta base, emerge deste mapeamento plurivocal a produção de significados advindos de memórias afetivas e reinterpretações propositivas com e para a periferia. Saberes diversos, muitos deles, deslocados do escolar e do formal. Relatos que assumem diferentes dimensões da diversidade e se interrelacionam nas complexidades sociais. No decorrer da investigação uma dimensão de ocupação da cidade é expressa nas atividades e nos relatos. Vale a pena registrar o quanto demonstram estar mergulhados em seus projetos, ativismos e sonhos. Quando refletem sobre suas motivações à ação os jovens apreciam a relação formativa que estabeleceram com a cidade como nos trechos a seguir:

Trajetórias juvenis e ativismo político: projetos de, com e para a vida

É uma relação independente das coisas ruins que aconteceram [...] não sei explicar, sabe, é um saudosismo que eu tenho pela cidade. Como se eu tivesse essa responsabilidade com ela, por ela...ela ter formado tanto do meu caráter. Até nas coisas ruins que a cidade, sei lá... [...] poxa, pensa bem, o quanto não seria inovador criar, mapear a cidade, você passar um questionário conhecer os bairros... conseguir pelo menos falar, ter contato com a realidade das pessoas de cada bairro. Você entender como é que funciona o saneamento, distribuição de água, é.... Você conseguir realmente conhecer a sua cidade e você pensar uma política pública a partir dela, e não uma política pública pensada, sei lá, por um conjunto de pessoas que talvez nem moram na cidade. Daniele

Você saber realmente da boca do morador da cidade que mora aqui há mais de trinta, quarenta anos, é muito mais legal do que você saber da boca de um jornal, ou de um político. E para mim, vou dizer, saber que você está fazendo um projeto que agrega, que a partir disso talvez tenham jovens ou pessoas mais velhas que queiram participar do projeto...ou que... ou os senhores também que acreditam na juventude, que diferente da geração deles, a gente pode fazer algo melhor...Nossa! Graciele

O entusiasmo presente nos relatos auxilia nas reflexões sobre as proposições que nascem de experiências com e a partir do território. Um tipo de engajamento individual que parece constituir o aquecimento da razão defendido por Santos (2019). Nas palavras do autor

o aquecimento da razão é o processo através do qual as ideias e os conceitos continuam a despertar emoções criativas e capacitadoras que reforçam a determinação de lutar e a disponibilidade para correr risco [...] o aquecimento não dispensa ideias, conceitos e teorias; apenas transforma problemas e desafios vitais em experiências concretas de expectativas próximas, seja para se lutar contra elas seja para se lutar por elas (SANTOS, 2019, p. 150).

Todas as entrevistas apresentaram considerações e apreensões sobre as feridas provocadas pelas desigualdades sociais presentes nos territórios periféricos. Há nos relatos ponderações e análises sobre a emergência de um projeto político-social de transformação, especialmente, a partir da relação de pertencimento com a cidade. De maneira geral, os/as jovens entrevistados/as expressaram intenções de anunciar, afetar e reunir mais pessoas a fim de coletivizar suas ideias e posicionamentos. Uma interface do compromisso social que sustenta o modo imperativo de lutar e afetar individual e coletivamente o território. Impactar, afetar e compartilhar saberes e fazeres transformando latência em potência, ausência em emergência. Nas palavras de Rodrigo “a participação simples...popular é uma pílula necessária demais” nos contextos de enfrentamento político para ultrapassagem das formas de opressão social, evidenciando um tipo de “fusão entre razões e emoções, dando

origem a motivações e expectativas capacitadoras” (SANTOS, 2019, p. 153), denominadas por Santos (2019) como *corazonar*.

Os depoimentos que seguem evidenciam razões e emoções em perspectivas em ação em uma das atividades observadas, o “Laboratório de Análise Covid-19” organizado pelos jovens no período inicial da pandemia. Diante do ineditismo e consequentes colapsos globais os/as jovens expressavam preocupações e buscaram, a partir da referida atividade, compreender repercussões locais. Uma espécie de ser com a realidade, como na reflexão de Gisele, que é nutricionista, ao relatar sobre sua experiência em levantar informações sobre o kit merenda distribuído pela prefeitura municipal aos estudantes da rede pública de ensino:

Eu me dei conta que a gente tem sido violada o tempo inteiro, em relação a direitos. Isso é uma coisa que não fica evidente para a população. Muita gente fala assim, ah, mas você quer um Estado babá. Essa fala vem muito forte de todo mundo. Mas não, a gente vive nessa relação de Estado. O estado deve coisas a gente. Isso é garantido na constituição, no papel. Se isso não é garantido na vida pessoal, todo cidadão tem direito e deve fazer esse tipo de denúncia, quando tem essa violação. Por não saberem disso, as pessoas não fazem denúncia...parece que elas não querem perder tempo, trabalhar nisso. A área de alimentação e nutrição, ela se relaciona com vários dos direitos, tanto direito à saúde, quanto direito à educação, moradia, transporte, atividade física. Então essa noção de direitos que conversam com a parte de nutrição é muito ampla, não só em relação a alimentos, mas em outros setores da vida que devem ser garantidos para ter uma saúde plena. Então, isso de violação o tempo inteiro, quem estuda isso se vê na necessidade de fazer alguma coisa, de alertar a população, olha isso aqui é um direito, então, isso aqui tem que ser seguido, você não está fazendo demais, só está exigindo o que é seu. Não é pedir favor, então isso está muito no imaginário das pessoas e a gente tenta trazer isso à tona. Se está escrito na constituição, o Estado tem que fazer. Você não está pedindo favor, está pedindo o que é de direito. Nessas violações eu fico muito pensativa em relação a isso. Gisele

Reiteradas vezes a entrevistada relevou inquietações advindas de interpretações da realidade e possibilidades de projetos mais amplos e eficientes. Reflexão que aparece também no relato de Helaine, estudante de arquitetura e urbanismo ao expressar-se sobre as informações levantadas no Laboratório organizado pelos jovens. De acordo com Helaine, “quando você começa a pegar esses dados e entender como uma coisa está ligada à outra, isso muda completamente a visão de tudo, é muito louco, parece que não dá pra desver.

O encontro dos saberes comunitários com os saberes acadêmicos apontados por Helaine são compreendidos pela própria entrevistada como uma mudança de ótica sobre o cotidiano. Acessar tais informações e associá-las aos conhecimentos acadêmicos, ou vice e

versa, parece colocar suas reflexões em perspectivas de ação para a cidade em circunstâncias que “*parece que não dá pra desver*”. Uma espécie de assimilação entre reivindicações, pensamentos e vivência. Assemelhando-se à reflexão de Mische (1997) de que as significações dos múltiplos laços sociais tornar-se-iam caminhos pedagógicos no percurso emancipatório de estudantes e cidadãos.

Grande parte dos relatos reiteraram cotidianidade de violências físicas e simbólicas em casos de racismo. Entretanto, ao longo das entrevistas, proporcionalmente, evidenciou-se uma espécie de encadeamento entre resistência e insurgência que sublinha novas formas de construção de sentido adicionadas a um chamamento a desnaturalização. Reflexões que convocam práticas políticas e pedagógicas de contestação da realidade e afirmação das diferenças, assim como no depoimento de Paola:

uma professora minha...ela foi uma pessoa muito importante para mim, uma professora incrível, assim. E sempre conversou muito comigo, sempre esteve muito disposta a dialogar, e aí foi nela que eu me inspirei. [...] ver nela uma mulher articulada, tipo, uma mulher preta super empoderada, dentro de um colégio que a gente nem via gente preta no colégio. Sério, durante muitos anos eu era a pessoa, tipo assim, preta, mas ninguém vinha dizer que eu era preta, mas assim... Bizarro! Nisso o colégio não me ajudou, que foi me conhecer. Mas acho que nenhum colégio ajuda nisso né, é um processo individual. Mas ver nela uma pessoa tão diferente que ao mesmo tempo se destacava e tinha a admiração de todo mundo, e eu falei: "caraca! Essa mulher aí merece que eu a coloque lá em cima". Enfim, eu acho que a minha admiração por ela era tanta, que ela nem precisava fazer muito. Mas ela fazia! Paola

Sem dúvida, a temática da representatividade é importante, sobretudo para que homens e mulheres negros e negras ocupem devidas posições de saber, poder e decisão na sociedade. Contudo, é pertinente admitir a reflexão de Almeida (2018) sobre representatividade ao afirmar que a luta por representação não levará a superação do racismo, uma vez que o racismo está na forma de entender as relações sociais. Segundo Almeida (2018) o apelo midiático de que “representatividade importa” seria uma estratégia para minimizar históricas lutas e resistências do movimento negro, movimento que reconhecemos ser grande educador, tal qual afirma Gomes (2017)^{iv}.

O depoimento de Paola contém segmentos de lamento pela ausência de práticas escolares afirmativas e afro referenciadas e inclui o sentimento de vergonha em relação à prática de apelidos racialmente depreciativos. Além disso, está presente certa ternura pelo encontro e convivência com uma professora negra que fortaleceu sonhos e inspirou escolhas profissionais. A partir desses elementos, outros sentidos se abrem quando

ouvimos as vítimas dessa opressão sistemática que recorre e corrói a sociedade brasileira. A partir do exercício da escuta outras reflexões podem ser aprofundadas. O relato desta participante parece catalisar, a partir de sua experiência, a necessidade de experiências “outras”. Tal qual a proposta de Walsh; Oliveira e a Autora (2018) ao argumentar sobre práticas sociais e pedagógicas que favoreçam relações igualitárias e horizontes de esperança em vias de romper estruturas subalternizantes. Para as referidas autoras, trata-se de uma prática pedagógica que ao mesmo tempo é política e agencia a emancipação social. Cabendo às instituições de ensino, entre escolas e universidades, uma oportunidade de reinvenção contra hegemônica que pode favorecer empoderamento e, inclusive, entusiasmo político aos estudantes.

As trajetórias evidenciadas na pesquisa provocam um exercício prático-reflexivo que se situa na “pedagogia de ver o grande no pequeno e o histórico no aqui e agora sem perder de vista o pequeno e o aqui e agora” (SANTOS, 2019, p. 250). Uma compreensão de que *“todo mundo, de alguma maneira, contribui para a cidade dentro da sua maneira de fazer as coisas”*, conforme relatou Rodrigo. Ressaltando o fazer coletivo que promove o poder de forças comuns entrelaçadas em compromisso ético, político e pedagógico, como qual propõe Walsh (2016)

O decolonial não vem de cima, mas de baixo, das margens, das fronteiras, das pessoas, das comunidades, dos movimentos, dos coletivos que desafiam, interrompem e transgridem as matrizes do poder colonial em suas práticas de ser, atuação, existência, criação e pensamento. O decolonial neste sentido, não é algo fixo, um status ou condição, nem um ponto de chegada. É um processo dinâmico, sempre em processo de fazer-se e refazer-se dada a permanência e capacidade de reconfiguração da colonialidade do poder. É um processo de luta, não só contra, mas, ainda mais importante, para – para a possibilidade de um modo de vida outro (WALSH, 2016, p. 72).

Considerações e brechas para projetos possíveis

O primeiro entre os aspectos a serem ressaltados é que o tema das juventudes e participação sociopolítica (re)emerge. Por conseguinte, as novas formas de ativismo contribuem com chaves de leitura na afirmação e promoção dos Direitos Humanos, especialmente quando combinam a insatisfação com o propósito de fortalecer a democracia global e estabelecer novos caminhos para um planeta que já enfrenta desgastes políticos, humanitários e geográficos. As (re)formulações presentes nas trajetórias e narrativas das

jovens lideranças comunitárias do projeto “Ressuscita São Gonçalo” evidenciam propósitos de sujeitos que no coletivo buscam transformação social e valorização do território.

As entrevistas evidenciam a importância das experiências sociais como incentivo pedagógico e político de acesso e participação no debate democrático. Aprendizagens e ressignificações de saberes e fazeres manifestos em projetos de, com e para a vida dos/das jovens em realização de sonhos democráticos. Pela maneira com que apresentam seus engajamentos, com e a partir das experiências que têm na cidade, se afirma a emergente dimensão do cotidiano nas modalidades de ação que protagonizam. Um tipo de ocupação que não é apenas geográfica, mas que coloca o território periférico em perspectivas de memórias afetivas e de reinterpretações propositivas. Ou seja, anúncios que elucidam histórias de pertencimento, leituras do passado, do presente e para o futuro como uma forma de luta contra as diversas formas de dominação e negação a que foram submetidos.

Portanto, pode-se concluir que o fenômeno da participação juvenil é diversificado e complexo, e pode ser apresentado pelo delineamento de movimentos que vão além da crítica à realidade. Saberes e fazeres que indicam dimensões de aprender a questionar e inquirir sugerindo ações nas fissuras sociais locais, comunicando horizontes e estratégias para superação de descasos que subalternizam os territórios periféricos. Aprendizagens no escopo das desigualdades sociais com potencial de ressignificação de ausências em presenças. Dinâmicas formativas que destacam o horizonte afetivo em potentes leituras para a transformação do território somadas a proposições para reconfiguração de representação legislativa local. Sujeitos e práticas que se revelam pedagógicas e insurgentes nas arenas do cotidiano. Assim, exigem estar diante de políticas públicas que assegurem direitos: acesso à educação, cultura, segurança, lazer, autonomia, trabalho e emancipação. Observa-se *“que essas pessoas têm um brilho nos olhos, tanto pelo território quanto por serem gonçalenses”*, como expressou um dos entrevistados. De maneira que os processos nos quais se envolvem em suas trajetórias repercutam na vida presente e futura de forma significativa e em sonhos democráticos. Algo que na perspectivas do referencial teórico assumido, aponta para “brechas decoloniais” onde alianças se constroem em resistência, transgressão e insurgências para (re) criar e (re)construir o vívido (WALSH, 2016). Indicação que a (re)configuração da democracia está relacionada a um giro a partir de biografias e pautas *Outras* nos espaços decisórios. Insurgências políticas e epistêmicas para avançar com projetos de vida coletiva.

Referências

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites Nômades Espaço e subjetividades nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: As tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educacao**, v. 13, n. 37, p. 45–57, 2008.
- CARRANO, Paulo Cezar Rogrigues. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (ORGs). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: v. 1p. 182–211 Vozes, 2008.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, 2003.
- GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, v. 31, n. 82, p. 117–133, 2018.
- GUIMARÃES, Eloísa. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5–6, p. 199–208, 1997.
- LEITE, Miriam Soares. Ativismo político e juventude: catracas na escola e na cidade para os jovens mais jovens. **Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade**, v. 26, n. 49, p. 169–185, 2017.
- LEITE, Miriam Soares; ARAÚJO, Nayara. No tempo livre das escolas ocupadas: subversões do presentismo pelo ativismo jovem. **EM ABERTO**, v. 31, p. 93-105. 2018.
- LEITE, Miriam Soares.; FERREIRA, Vitor Sérgio; MACHADO, Valéria Floriano. Dossiê : Jovens e ativismos em (des) construção : socializações e (in) ações políticas. **Praxis Educativa**, v. 14, n. 3, p. 1004–1006, 2019.
- MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n. 05–06, p. 134–150, 1997.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15–40. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Santos, Boaventura de Sousa e Meneses, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Autêntica, 2019.

SPOSITO, Marília Pontes. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: **Narrativas Juvenis e Espaços Públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais**. Editora UFF, p. 97-130, 2014.

WALSH, Catherine. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: CANDAU, V. M. (org) **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2016.

WALSH, Catherine.; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, n 26, 2018.

Notas

ⁱ A adesão ao termo “Outro” é um posicionamento que se abre a pluralidade de vozes, caminhos e perspectivas. Dessa forma, alinhado ao pensamento decolonial, busca-se referenciar uma mudança de lógica sobre os modos de conhecer e ser no mundo moderno/colonial.

ⁱⁱ SARS-CoV-2 ou Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus, “que apresenta um espectro clínico, variando de infecções assintomáticas a quadros graves” (Ministério da Saúde, 2020). A transmissão do vírus acontece de uma pessoa para outra por gotículas de saliva ou toque em objetos de superfícies contaminadas. Dado o aumento do número de casos e disseminação global a Organização Mundial da Saúde (OMS) a definiu como uma pandemia. Na ocasião da decisão, 11 de março de 2020, mais de 114 nações registravam casos da doença. Uma crise sanitária global que impactou rotinas, expectativas de trabalho, consumo, lazer e convivência.

ⁱⁱⁱ Atlas.TI é um software de gerenciamento de dados textuais, áudio e vídeo utilizado para análise de dados em pesquisas qualitativas.

^{iv} Nilma Lino Gomes é autora da obra “O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação”, Petrópolis, RJ: vozes, 2017. O livro expressa o lugar do movimento negro em ação de educar a partir da luta por emancipação histórica das populações negras desde a diáspora.

Sobre as autoras:

Erica Pereira dos Santos Nascimento

Pedagoga (2015) e Mestra em Educação (2021) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Educadora em/para Direitos Humanos, tem experiência docente na área do Ensino Fundamental I e II da Educação Básica. Pesquisa juventudes, processos formativos e interculturalidade. Atualmente é integrante do Grupo de Estudo sobre Cotidiano, Educação e Culturas (GECEC-PUC/Rio).

E-mail: nascimento.eps@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3591-6804>

Vera Maria Ferrão Candau

Doutora e Pós-doutora em Educação pela Universidade Complutense de Madrid. Professora titular emérita do Departamento de Educação da PUC-Rio. Coordena o Grupo de Pesquisa sobre Cotidiano, Educação e Culturas na mesma universidade.

E-mail: vmfc@puc-rio.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6987-6885>

Recebido em: 05/08/2021

Aceito para publicação em: 11/08/2021